



Vol. 18, nº 1 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v18n01/2020p181-196

A MORTE DO RIO NA POÉTICA DE ROMULO NÉTTO

LA MUERTE DEL RÍO EM LA POÉTICA DE ROMULO NÉTTO

Simoni Rodrigues dos Santos¹
Priscila Darolt²
Isaac Newton Almeida Ramos³

Recebimento do texto: 15/03/2020

Data de aceite: 14/04/2020

RESUMO: Este artigo pretende mostrar como Romulo Néttto lida, de forma metafórica, com as relações de vida e morte de um rio, por meio do discurso poético. Foi tomado como *corpus* de análise o poema “Pesadelo”, que é subdividido sequencialmente entre os números 45, 46 e 47 da obra *Transitoriedade, Palavra* e o poema “Entre Tuiuiús Sarãs e Lavadeiras” de números 54, 56 e 58 do livro *Os Deserdados da Sorte*. Romulo Néttto realiza esse percurso ressaltando o trato com o instrumento que lhe serve de expressão: a palavra, residindo nela uma constante tensão entre o homem e o lugar. Nessa perspectiva, mostraremos como o autor traduz a luta por sobrevivência através do fazer poético.

PALAVRAS-CHAVE: Romulo Néttto; Poética Marginal; A Morte do Rio; Fazer Poético.

RESUMEN: Este artículo pretende mostrar cómo Romulo Néttto, trata metafóricamente de las relaciones de la vida y muerte de un río, a través del discurso poético. El poema "Pesadelo" fue tomado como un corpus de análisis, que se subdivide secuencialmente entre los números 45, 46 y 47 de la obra *Transitoriedades, Palabra* y el poema "Entre Tuiuiús Sarãs e Lavadeiras" del número 54, 56 y 58 del Libro *Os Deserdados da Sorte*. Romulo Néttto realiza este viaje haciendo hincapié en el tratamiento con el instrumento que sirve de expresión: la palabra, que reside en ella una tensión constante entre el hombre y el lugar. En esta perspectiva, presentaremos cómo el autor traduce la lucha por la supervivencia a través del hacer poético.

PALABRAS-CLAVE: Romulo Néttto; Poética Marginal; La Muerte del Río; Hacer Poético.

¹Mestranda do curso de Pós-graduação Stricto-sensu em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT), Campus de Tangará da Serra/MT.

²Mestranda do curso de Pós-graduação Stricto-sensu em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT), Campus de Tangará da Serra/MT.

³Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP; Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT).



Introdução

Romulo Nétto, nascido em 03 de março de 1946, na cidade de Paracatu, Minas Gerais, veio para o Estado de Mato Grosso em 1971, para trabalhar como jornalista na Universidade Federal de Mato Grosso. Desde então nunca mais saiu, só quando se aposentou, aos 47 anos, e passou um período no Nordeste. Escritor, muito mais que jornalista, ele não se esqueceu de onde veio. Desse modo, ao apresentar suas obras o autor mescla nos versos, contos e romances vestígios de tudo aquilo em que cravou olho e gravou nos ouvidos, transformando em arte a vida. Faleceu em 2015 na cidade de Curitiba, onde morava há seis meses. Esse entre-lugar contribuiu para a fruição do autor, que deleita em seus poemas a vida, a secura e aridez do sertão-cerrado, revelando-nos um eu poemático às margens de um rio prestes a sucumbir na poluição e na ebulição de suas águas.

Nessa perspectiva, elucidaremos a composição das estratégias formais dos poemas presente no escopo das obras *Transitoriedade palavra*⁴ e *Os Deserdados da Sorte*⁵, ambas publicadas em 2010 pela editora mato-grossense Carlini & Caniato Editorial. Partiremos de uma análise coletiva dos poemas supracitados e as vertentes possíveis de significações da poemática nettiana.

O poeta contemporâneo se apoderou do discurso crítico, não com o objetivo de produzir uma literatura engajada ou de cunho político-pedagógico, mas para que, de certa forma, promovesse uma reflexão acerca dos temas circunscritos nos poemas. Revela-nos com isso, o teor sensível da

⁴ Os trechos do livro *Transitoriedades, palavra* trarão a sigla TP do poema (Desespero), seguida do número do poema e da página.

⁵ Os trechos do livro *Os Deserdados da Sorte* trarão a sigla DS do poema (Entre Tuiuiús Sarãs e Lavadeiras), seguida do número do poema e da página.



condição submetida entre o ser e o lugar de enunciação. A figurativização, a ironia e uma pitada de humor tornam sua poética irreverente, viés muito utilizado como recurso crítico pelos modernistas.

O título da obra e o jogo de palavras nos direcionam, imediatamente, ao tema gerador do poema: a morte um de rio. A poética nettiana explora a metalinguagem para mostrar como esse processo de morte do rio acontece e revela, por meio dessa estratégia, um mundo envolto nas palavras que contemplam um vasto campo significativo.

Outra característica importante a se ressaltar é o forte diálogo com o projeto Modernista, por meio do uso de uma linguagem popular e a valorização dos vocábulos, evidenciando a rusticidade e a simplicidade expressa pelo povo. Romulo Néto propõe um enviesar entre a modernidade e o contemporâneo, quando valoriza os elementos impuros na construção dos poemas. Isso pode ser percebido nos (dis)ursos que remetem à memória do autor e à construção dos ambientes de Mato Grosso.

Igualmente, por meio de uma poética árida e de uma racionalidade técnica, presente na tessitura do poema, o autor traduz a simplicidade da linguagem, o estado mediano dos acontecimentos, a palavra transgressora, o verbo engessado nos cursos dos rios, ironia que se desenrola na consciência do léxico e dos sujeitos. Por meio do poetar, o autor apresenta recursos estéticos e outros elementos exteriores ao texto, os quais serão devidamente analisados ao longo deste artigo.

O poeta e as margens: o sertão-cerrado na poética de Romulo Néto

O livro que inaugura a poética do autor Romulo Néto, *Transitoriedades, Palavra*, propõe uma crítica centrada no tema “a morte do



rio”. Os poemas referenciam um diálogo com a poesia moderna, ao valorizar as questões sociais, além de propor uma reflexão acerca das questões políticas. A evocação do título do livro nos posiciona em um lugar de enunciação que provoca a inquietude do leitor. Essa inversão entre os termos “transitoriedades” e “palavra”, propõe uma reflexão acerca do modo como as palavras estão dispostas. “Transitoriedades” indicam mudanças ou transformações, como a própria etimologia da palavra traduz: de maneira rápida e fugaz e, simultaneamente, de forma plural. A palavra vem seguida por uma vírgula, o que indica o uso de um aposto, o termo “palavra” ganha uma singularidade que estabelece autonomia semântica ao que é poeticamente descrito.

Desse modo, compreende-se que os versos que apresentam um vasto campo significativo, que deve ser amplamente observado em suas múltiplas camadas. Tanto no campo superficial, apresentado pelo texto, quanto pelas camadas mais profundas, no que diz respeito ao campo literário. De acordo com Pierre Bourdieu (1996), compreende-se como campo literário a possibilidade mais versátil de entendimento da engrenagem que envolve a produção, a circulação e o consumo do material artístico. Estreitamente vinculado à noção de valor, pressupõe tomadas de posição que definem a boa ou má acolhida das obras em seu interior e sua duradoura permanência na memória do sistema literário.

Há um desejo em revelar, por meio da palavra, as relações de vida e morte de um rio que, ironicamente, sucumbe ao poder do homem. A anunciação da morte é contada de forma ascendente, por meio dos versos do poema “Pesadelo”. Podemos identificar tais referências nos versos “as pernas anseiam chegar ao rio/ mas não há mais rio” (TP, 44, p. 52). A crítica à ganância e à ambição do homem fazem com que o eu lírico se dê conta do



que está por vir: “os olhos querem enxergar a floresta/ mas ela virou assoalho cama mesa/ eles chegaram de noite ourudos/ depois da chegada deles/ só consigo ver rio floresta/ quando fecho os olhos” (TP, 44, p. 52).

Destaca-se o processo de gradação, com o intuito de enfatizar, de forma crescente e expressiva a decadência do rio e o processo acelerado de sua morte, como é possível visualizar nos seguintes versos: “As artérias de Mato Grosso/ estão em adiantado estado de entupimento precoce” (TP, 47, p.54); “hoje perdura em diversos pontos/ como filete d’água” (TD, 54, p. 66). Numa primeira análise do campo literário mais evidente, o verso faz uma crítica às ações humanas que enfraquecem e dizimam os rios, visando lucratividade e progresso às custas da destruição da natureza. Em um segundo momento, o rio aparece metonimizado. Seria um único rio representando a imensidade quilométrica de rios e afluentes mato-grossenses. Numa análise mais profunda, esse mesmo rio ganha a conotação de metáfora ao realizar uma comparação não explícita do rio com os poetas, uma referência clara aos grandes centros literários e como as literaturas produzidas em Mato Grosso sobrevivem assim como os “filetes d’águas”, sem tanto espaço e visibilidade, quando comparadas às literaturas produzidas na “região central do Brasil”. Como vimos, além de enfatizar o processo de implantação da literatura local, teria como sentido denotativo e conotativo a luta por sobrevivência, não somente do rio, mas também daqueles que vivem em suas margens.

A nítida imagem do real é uma marca nas obras de Romulo Néttó, pois, ao tratar de uma secura inóspita, do sombrio e do sofrimento, faz-nos refletir sobre o lugar de enunciação do eu poemático. De acordo com Pierre Bourdieu (1998) é necessário que haja uma distinção dessa “construção simbólica do real”. Visto que:



A variação no modo de produção, meios de divulgação, tempo cronológico, lugares reais de leitores e imaginários de poetas não devem ser impeditivos para a leitura dos poemas. A poesia é uma só. Ela se estabelece por meio e através da linguagem. É tudo ou nada (RAMOS, 2018, p. 38).

A poética nettiana mostra-se extremamente forte, tal assertiva pode ser notada na reflexão mediada pela temática existente na poesia e que, também, se percebe na estrutura dos textos. A fluência dos versos apresenta o lugar de enunciação e, metaforicamente, compara os cursos do fazer poético com rios mato-grossenses: “Se tiver tempo ganhe seu dia/ vá ao Xingu Teles Pires Juruena /Aripuanã Paraguai Cuiabá/ visite suas águas antes que elas/ definitivamente paráliticas/ recusem desaguar no mar” (TP, 45, p. 53).

Nos versos “visite suas águas antes que elas/ definitivamente paráliticas/ recusem desaguar no mar” (TP, 45, p.53), o autor inicia com um verbo no imperativo, na tentativa de sensibilizar o leitor da necessidade de ver, aprender e cuidar. O advérbio de modo “definitivamente” seria o momento decisivo para o curso dos rios, os quais, sem volume d’água suficiente ou sob condições desfavoráveis, deixariam sucumbir-se em riachos ou filetes d’água, como observamos na passagem “o oceano oculto neste rio/ virou mar/ cansado travestiu-se em riacho/ hoje perdura em diversos pontos/ como filete d’água” (DS 54, p. 66).

Em outro processo semântico, o mesmo verbo eloquente “perdurara” solidariza-se com a literatura produzida em Mato Grosso, busca priorizar os canais de publicação e divulgação. Uma leitura profunda poderia revelar traços sociais e literários importantes para a concretização do fazer poético, além de fazer alusão a uma passagem bíblica, a qual diz: “Com o suor do teu



rosto comerás teu pão, até que te tornes ao solo. Pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás” (Gênesis 3.19), que demonstra a pequenez no nascimento e as semelhanças diante da morte.

Aquele último verso traz um sentido de amplidão, fazendo lembrar uma hipérbole, quando diz que o oceano nasce no rio. Essa figuração exemplifica o fato de termos dentro uma literatura menos expressiva/divulgada, os mesmos aspectos de obras cuja grandeza ecoam nas vozes de poetas renomados. Subtende-se ainda que o oceano está dentro de cada um de nós, ou seja, independente de *status* e referências a produção literária do Estado possui uma crítica e uma voz poética concisa e valorativa.

Ainda na análise desses mesmos versos, diante aos aspectos fonéticos fonológicos, observamos que o autor priorizou o uso do som vocálico /o/ e /u/ que, segundo Monteiro (2009, p. 180), emite um significado de fechamento, escuridão, sombrio, o que corresponde incisivamente ao processo de morte do rio. Por se tratar de poemas que exploram as sensações auditivas de maneira irônica, nos versos “Até o anzol ri do pescador/ parece que somente ele não sabe/ da prematura morte do rio”, a consoante /r/ destaca-se em “pescador”, “morte”, “rio”, a qual serve para demonstrar vibrações, rasgos, percussões demoradas, como se, por um instante, pudéssemos pausar o tempo e analisar cuidadosamente o que está acontecendo. Nesse mesmo contexto utiliza-se a consoante /p/ em “pescador”, “parece”, “prematura”, o que nos remete a ruídos abafados, quebrando o silêncio estabelecido que ecoa por meio da consoante /s/, que produz assobios ou sibilos prolongados, indicando continuidade no processo acelerado de degradação do rio.



O autor recorre a uma linguagem simples, mas que valoriza o requinte dos vocábulos e, como uma lanterna, semanticamente amplia cada palavra disposta nos versos do poema, maximizando, assim, as possibilidades de interpretações de cada termo. A apresentação de um lugar de enunciação valida a crítica social e evidencia a importância da preservação desse ambiente, bem como da cultura que depende diretamente do lugar. Essa evocação dos sujeitos confere à poética um caráter social e cultural.

Aqui neste cerrado bravo/ o tempo tentou fazer greve/ recusando-se passar;/ o homem semeou discórdia/ iluminou as noites/ estuprou florestas com motosserras/ desertificou o tempo a mãe do tempo/ premiou seus filhos/ comorfandade de rios árvores capinzais (TP, 46, p. 53).

O substantivo “homem”, empregado no texto, remete aos verbos: “semeou”, “iluminou”, “premiou”, os quais, em outras circunstâncias, apareceriam como característica positiva, a partir da significação e radical dos mesmos. Porém, nos poemas em análise, esses verbos ganham uma conotação negativa, o que confere forte expressividade e direciona o ser humano à culpabilidade diante de suas ações: “Semeou discórdia” / “iluminou as noites” (devastar para modernizar), “premiou seus filhos com orfandade de rios árvores capinzais”. Um outro recurso estilístico é apontado nesta passagem: a ironia. É perceptível que premiar com orfandade seria um argumento irônico incitado pelo (de-)zelo com que tratamos a natureza.

A orfandade de rios e árvores desvela o crescente desmatamento de florestas e assoreamento dos rios provocados pelas intensas queimadas, que resultam da expansão da produção de soja e pecuária em Mato Grosso. Junto a ela, conotamos o ressecamento da própria literatura. Uma literatura



sem “pai” nem “mãe”, como a produzida em Mato Grosso, esbarra frequentemente com a necessidade de se autoafirmar, de se validar. Muito mais difícil estabelecer-se em um cenário nacional com nomes avantajados e famosos. “Vive-se em uma sociedade cujo centro vibrante é uma relação que se sustenta na desigualdade natural: a cultura se apresenta dessa forma, a economia se baseia neste princípio, a dissimetria está no social e em todas as relações” (BAUMAN, 2007, p. 43).

Nesse sentido, destacamos a noção de “razão transversal” apontada pelo filósofo Wolfgang Iser e discutida por René Ceballos (2007). Esse conceito considera a multiplicidade das divergências e estabelece um “entrelaçamento de distintas práticas discursivas (discursos literários e científicos) sem uniformizar nem igualar sua heterogeneidade e pluralidade, senão permitindo-lhes deslizar para um terceiro espaço para criar um novo campo operativo” (CEBALLOS, 2007, p. 36).

A estratégia modernista presente nos poemas traz um encadeamento de ideias que não necessariamente se prende a ordem dos fatos, mas que relata uma temática que se esgueira no tempo por décadas.

A segunda fase poética, de caráter historiográfico, trata de temas que confluem no “agora”, no “atual” (SCHØLLHAMME, 2009, p. 9), replicando sua preocupação com a natureza e principalmente com os rios. No poema intitulado “Entre Tuiuiús Sarãs e Lavadeiras”, Romulo Néto adota uma postura que reporta ao Manifesto de Wladimir Dias-Pino, ao se referir à *Revista Sarã*, no editorial de sua primeira edição, constrói seu poeitar romântico com a destreza de um eu, que escreve com propriedade dos acontecimentos, conferindo e dando ao poema tudo que lhe é necessário. As palavras cuidadosamente selecionadas em uma cadeia



semântica exploram o pensar e a reflexão dos leitores sobre o “eu poemático” e “o assunto” tematizado.

A História e Literatura se diferenciam, segundo Aristóteles, pelo fato de que a primeira se ocupa em narrar os fatos tais como aconteceram e a segunda em narrar os fatos mostrando como eles poderiam ter acontecido; ou seja, sem o compromisso de verdade com a realidade (RAMOS, 2018, p. 33).

O livro de poemas narra a morte de um rio, deslindando a vida dos personagens que dependem de suas águas para sobreviver. O pescador e a lavadeira são sujeitos que lidam diariamente às margens do rio e que, a cada dia, menos retiram migalhas para a sobrevivência. Esses personagens são apresentados como um em muitos. A individualidade é anulada os nomes se tornam substantivos adjetivados, “o pescador”, “a lavadeira” substantivos comuns que ampliam a representatividade do eu lírico. Isso pode ser percebido no título do poema analisado. Reconhecemos características semelhantes na poética medieval, o personagem se torna uma alegoria, uma representação de algo que é muito maior que ele.

Vida e Morte estão interligadas a partir de um enredo paradoxal. Para declarar a morte do rio, em diversos momentos, o poeta utiliza-se da personificação no campo semântico: “Até o anzol ri do pescador” (DS, 56, p.68). Triste rio/ não vê crianças/ brincando em suas praias.” (DS, 56, p. 69); “A isca viva faz greve” (DS, 58, p. 70); “O rio amanheceu/ bebeu a chuva/ engravidou-se”. (DS, 54, p. 67). Embora seja uma tentativa de atribuir maior emoção e veracidade em seu discurso, faculta uma ironia na perspectiva de atribuir vida às coisas necessariamente vivas, porém ao ponto de sucumbir, devido à devastação desenfreada do ser humano.



A personificação do rio remete-nos ao debate por sobrevivência e o penar pela ausência dos nascidos na terra. Por meio dos versos, traveste-se o cantar de um eu poemático que agoniza, saudoso dos que sobreviviam em suas margens. A imagem da criança, que não mais brinca em suas praias, remete à desesperança, mas, ao mesmo tempo, um prenunciar de vida ao debater-se com a morte.

A natureza sucumbida acontece em ritmo desenfreado, depreendida pelo homem, que avança sobre as águas em busca de riqueza: “Não há mais o som/ estridente das lavadeiras/ estendendo roupas no quarador;/ nem pássaros em sobrevoos rasantes/ à cata de migalhas:/ o rio é a crônica da morte anunciada (DS, 58, p. 61).

Os poemas são constituídos de versos livres e neles está muito presente a repetição do substantivo “rio”, que se trata do sujeito principal deste feito poético. Aparece como adjetivação: Triste rio; e a derivação: Riacho, simbolizando a passagem do grande e majestoso rio a filetes de água que cortariam a região, num futuro próximo. Evidenciamos por meio do verso de período simples e de posicionamento assertivo: “o rio é a crônica da morte anunciada”.

Rememoramos o romance *Crônica de uma morte anunciada*, de Gabriel García Márquez, publicado em 1981. A poética nettiana denuncia um crime que é revelado através de um “pesadelo” e os versos seguintes descrevem a agonizante luta por sobrevivência e o definhamento das veias/rios que cortam nosso sertão-cerrado. Essa alusão traduz uma crítica à mentalidade primitiva que permite que um assassino premeditado tenha uma pena irrisória. Neste caso a própria natureza se recusa a essa sentença e penaliza o homem com orfandade que, ironicamente, sucumbe junto com suas águas.



A transformação do ambiente é evidente e apresenta-nos um sobrevivente, o personagem se interrelaciona com o autor, tornando o texto em certa medida biográfico, tendo em vista que Romulo compõe suas obras revelando-nos o “já conhecido”.

O contemporâneo, o discurso social e histórico instituem o cenário de intenções discursivas, criando uma perspectiva de realismo que se projeta além da imaginação do poeta e para dentro do texto. O conteúdo social do livro, *Os deserdados da Sorte*, transforma um mundo árido, mórbido e sombrio em uma paisagem singela, que clama por sobrevivência. Rememoramos a Manoel de Barros e ao lermos a poética de Néttto, assertivamente, deduzimos que “quem apresenta o poeta é a poesia que o poeta apresenta”.

A temática e o ambiente estão intrinsecamente relacionados nos poemas de Néttto. A obra aborda a trágica situação em que se encontram os rios no interior de Mato Grosso, revelando-nos a tristeza e a inconformidade do fim. Ao versificar de forma metafórica o definhar dos rios, o autor posiciona o espaço como um “ente” que se modifica à medida que a ganância do homem se aproxima. O cerrado mato-grossense é o espaço e a morte do rio é o tema. A vida dos personagens se funde com a tragédia do lugar que, conseqüentemente, sucumbem com as águas escassas. Trata-se de um paradoxo entre a vida e a morte, como um jogo dialógico de quem bebeu na fonte baudelairiana e ocupou-se em se entreter com a poética Manoel de Barros.

Essa metáfora do fazer remete-nos a uma tentativa de conclamar um lugar antes negado, no que diz respeito à própria produção literária, quando o rio se nega a desaguar no mar ou até mesmo, quando se verte em filetes d’água. Esse clamor pela sobrevivência da literatura mato-grossense é



travestido em palavras e assim como os rios lutam para não sucumbirem, os autores buscam meios para chegarem ao mar não como “filetes d’água”, mas se consolidar enquanto “rios”. Isso reforça a ideia de que por tempos a literatura produzida em Mato Grosso foi marginalizada e tendenciosamente sufocada.

A ascensão lenta e seletiva é explicada pelo caráter regionalista, evidente nos textos advindos de tendências românticas do século XIX, posteriormente, substituído por um tom dual e polissêmico no início do século XX. Momento em que define uma tendência fortemente marcada pelo estranhamento, como forma de impactar o público, tendo em vista que essa geração nasce, não somente com tendências localistas, mas corrobora com a produção literária como um todo. Uma mescla de realidade resultante dos inúmeros trânsitos dos autores, que surgem de maneira tímida no cenário nacional e que, a partir da ruptura localista, ganham visibilidade.

Apesar das ações irremediáveis do ser humano em relação à destruição da natureza, a beleza na constituição do verso e a forma metafórica utilizada pelo autor incutem uma ligeira esperança erradicada das forças naturais, travando uma batalha para amenizar o assoreamento do rio por meio da chuva: “o rio amanheceu/ com a cara de ontem/ bebeu a chuva/ engravidou-se”. A chuva corresponde ao renascer: ao encorpar-se, aquela que lava o solo, gera vidas e leva consigo os males humanos.

Considerações finais

Romulo Nétto, autor mineiro, radicado em Cuiabá, ao escrever, incorpora-se ao lugar de enunciação. O objetivo maior deste texto foi



evidenciar a singularidade da poética nettiana, utilizando-nos de teóricos que corroboram para a análise em questão.

Mostramos que se trata de uma poética de cunho social forte e uma preocupação com a temática evidenciada nos textos. A composição poemática e a tessitura do texto, intrinsecamente, asseguram o vislumbrar do lugar. Toda essa referência não se prende ao substancial e denota à obra um valor único. O eu poemático apresentado não pretende chamar a atenção para seu estado de espírito, mas para os acontecimentos que os circunda, em especial com a natureza, objeto de fruição do autor. Essa se mistura como os personagens ao revelar, por meio dos versos, a morte do rio, e o sofrimento dos ribeirinhos que dependem diretamente de suas águas para sobreviverem. Nesse raciocínio, a literatura contemporânea em análise, não apresenta a atualidade nos aspectos reais, mas um “pseudo-realismo”. Para Süsskind (2004, p. 136), a verossimilhança realista seria um componente agora realçado na relação binária arte/vida.

As obras *Transitoriedades*, *Palavra* e *Os Deserdados da Sorte* transitam por entre as gerações literárias, numa metáfora do fazer poético, sendo que a primeira dialoga com as tendências modernistas e a segunda marca fortemente a nova fase poética de Romulo Néttó. O texto mostra as mudanças instauradas nos campos sociais, culturais e trava a conversação direta e indireta com o terreno discursivo da transitoriedade, do incompleto, do estado provisório. Assim como se apresenta a literatura contemporânea, que é transformação, pluralidade, inconclusa e em permanente mutação.

Percebemos ainda que existe uma crítica à degradação dos rios e à exploração das florestas, evidenciando uma relação de poder sobre os nativos. É na escritura e na crítica que, metaforicamente, a temática coabita. Desta maneira, as palavras se apresentam como “projeções, explosões,



vibrações, memórias, lugares”, e é desse modo que Néttó as concebe em sua poesia. Nelas cada palavra carrega, por meio de sua carga semântica, um universo de significação que afirma a existência de uma realidade moral e formal da escrita, que traz a ideia de um sujeito, sua energia e seu desejo através da/na linguagem.

Referências

- BARROS, Manoel de. **Poemas concebidos sem pecado**. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BAUMAN, Zygmund. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e Estruturado Campo Literário**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Petrolina: vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BÍBLIA, A. T. Gênesis 3. In: **BÍBLIA**. Português. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Emunah, 2008, p. 19.
- CEBALLOS, René. História e ficção em interação pós-colonial. **Revista Letras**. Curitiba: UFPR, nº 71, jan./fev. 2007, p. 33–52.
- MONTEIRO, N. S. **A estilística: manual de análise e criação do estilo literário**. 2.ed.
- RAMOS, Isaac. **A Metáfora do Olhar: Alberto Caeiro e Manoel de Barros**. 1.ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2018.



Vol. 18, nº 1 (2020)

RAMOS, Isaac. **Vanguardas poéticas em permanência**: a revalidação de Wladimir Dias-Pino e Silva Freire (Tese de Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 2001.

NÉTTO, Romulo. **Transitoriedades, Palavra**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial. 1.ed. 2010.

NÉTTO, Romulo. **Os Deserdados da Sorte**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial. 1.ed. 2010.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SÛSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária**: polêmicas, diários & retratos. 2. ed. Revisada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.